

## Entre duas frentes: a nacional e a popular

Teoricamente, dizem os especialistas, são três ou quatro os cenários possíveis para o futuro político de França. Nenhum é famoso e crescem os receios das suas consequências.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 26 de Junho de 2024

Nas últimas eleições europeias o terramoto político veio de França. A extrema-direita de Le Pen teve mais do dobro dos votos (31,4%) da aliança centrista de Emmanuel Macron (14,6). A surpresa, porém, não foram os resultados eleitorais, mas a súbita decisão de dissolução da Assembleia Nacional e a convocação de eleições legislativas antecipadas. A jogada política do Presidente é de alto risco. Se tiver sucesso, será considerada de génio político. Mas se falhar, [como todas as sondagens apontam](#), terá sido um *harakiri* político e arrisca-se a deixar uma pesada herança para a França e para a Europa.

Macron achou que uma coisa era o voto de protesto sem consequências directas nas europeias e outra a ameaça real da extrema-direita nas legislativas. E que um *flavour* da ameaça real da extrema-direita na política interna poderia mobilizar os franceses em defesa do centro moderado e da democracia liberal. Apostou na divisão da esquerda e na bipolarização com a direita. Enganou-se. Acabou por favorecer a erosão do centro e o reforço dos extremos, à esquerda e à direita. E ficou entre duas frentes: a nacional e a popular. Pensou que as “esquerdas irreconciliáveis” nunca se reconciliariam. E reconciliaram. Pelo menos, para este objectivo imediato, reactualizaram o espírito da Frente Popular de 1936. E nunca pensou que na direita conservadora o líder dos Republicanos, Éric Ciotti, rompesse com 40 anos de tradição política do seu partido e se dispusesse a fazer um pacto com a extrema-direita. Sinal claro de que acabaram as “linhas vermelhas” e o velho consenso político entre os partidos *mainstream* para manter a extrema-direita fora do poder.

Os blocos estão, agora, definidos e as sondagens são expressivas. Estão em confronto três campos políticos: a União Nacional, à direita e extrema-direita, a Nova Frente Popular, à esquerda, e o Renascimento de Macron, ao centro. A extrema-direita rondará os 34%, a esquerda os 30% e o centro não chegará aos 20%. E a diferença é tal que nem os cerca de 7% da direita conservadora, dividida entre os Republicanos e o apoio à União Nacional, servirão para a anular. Num sistema eleitoral a duas voltas, Macron jogava tudo na segunda volta e no voto útil contra a extrema-direita. Não previu a divisão da direita, nem a unidade da esquerda. E o feitiço pode, agora, virar-se contra o feiticeiro.

Teoricamente, dizem os especialistas, são três ou quatro os cenários possíveis para o futuro político de França. Primeiro, uma maioria relativa da aliança de Macron, com alguns elementos realistas de centro-direita e centro-esquerda. Dada a conjuntura política e as sondagens disponíveis, parece mais que improvável. Segundo, uma maioria de extrema-direita ou de esquerda, mais provável à direita e uma nova coabitação. Nada de novo. A França tem uma larga experiência de coabitações, mas esta seria particularmente hostil. E o Presidente poderia ver-se confrontado com as coligações negativas das oposições e as fugas do seu próprio campo em vista das eleições de 2027. Terceiro, um parlamento sem maioria de qualquer partido ou coligação, politicamente fragmentado e o país praticamente ingovernável. Perante o impasse, um quarto cenário seria possível: a nomeação de um governo técnico encarregado da gestão corrente da coisa pública até que democracia voltasse a funcionar. Mas, para isso, era preciso encontrar um Mario Draghi francês que reunisse o consenso. Ora, se não é fácil encontrar um Mario Draghi, mais difícil seria reunir o consenso.

Nenhum dos cenários é famoso e crescem os receios das suas consequências. A Europa receia pelo bloqueio das instituições e apoio à Ucrânia, os mercados receiam pelo despesismo e o equilíbrio das contas públicas e a França pela estabilidade do próprio regime. Em 2017, com o seu movimento centrista, En Marche, que “não era nem de esquerda nem de direita”, Macron já tinha destruído o sistema de partidos da V República: arrasado o Partido Socialista, reduzido à irrelevância política a velha direita gaullista e acabado com a alternância política tradicional. Agora, ao jogar alto com o papel político do Presidente no sistema semipresidencial francês, arrisca-se a destruir a própria V República.

<https://www.publico.pt/2024/06/26/opiniao/opiniao/duas-frentes-nacional-popular-2095253>